

Antologia

QUIBANO



quinze poetas do maranhão

APPALOOSA
Online Indie Publishing

QUIBANO
QUINZE POETAS DO MARANHÃO

organização
ANTONIO AÍLTON
CARVALHO JUNIOR

capa
SIDNY BRITO

design & produção
FELIPPE REGAZIO

distribuição
APPALOOSA BOOKS

lançamento
Fev 2017

asbn
ANT0003

ANTONIO AÍLTON

BIOQUE MESITO

CARVALHO JUNIOR

FRANCK SANTOS

GEANE LIMA FIDDAN

HAGAMENON DE JESUS

CARVALHO SOUZA

ÍRIS MENDES

ISAAC SOUZA

JORGE BASTIANI

KISSYAN CASTRO

NEURIVAN SOUSA

SALGADO MARANHÃO

SAMARA VOLPONY

SEBASTIÃO RIBEIRO

VIRIATO GASPAR



A ARTESANIA DE QUINZE MARANHÕES DE POESIA

O termo QUIBANO apresenta as variações quibando e quibane, sendo esta última a forma mais comumente utilizada no Maranhão das minhas vivências. Na informalidade, a expressão serve para se referir ao órgão sexual feminino (o que seria do universo sem a imaginação popular e suas curiosas comparações?).

A simbologia do quibano me reconduz aos fios originais nas ladeiras do interior maranhense. A palavra tem raízes na língua quimbundo e representa uma espécie de peneira feita a partir da palha de palmeira como dão conta os dicionários, mas na geografia maranhense é tecida a partir de fibras de taboca ou talos de buritizeiro.

Este livro é uma artesanaria em que se entrecruzam quinze maranhões de poesia. Movimentam-se, aqui, [como em um quibano], versos de poetas de gerações variadas em ligação pelas sementes de chãos irmãos.

Agora que o arroz verbal foi colhido e cangulado, as escolhas pedem para rebentar as cascas em suas/vossas mãos. QUIBANE M – SE !

_CARVALHO JUNIOR

QUIBANO : GRITO E CRIVO

[VOZES POÉTICAS DO MARANHÃO]

O Maranhão tem muitas famas, e é incrível como nas últimas décadas as piores delas é que buscam o país, mídia afora. Segundo ponto: vivemos do passado, alguns dizem. Fato é que não podemos esconder verdades e precisamos tomar consciência de nossos eczemas, porém sabemos que a verdade também é construída. Já passa, portanto, da hora de, ao menos por via literatura, da poesia, começarmos a desmentir certas colocações, a dar a luz aos tapas, a destravar as pálpebras de outros olhares.

Quando afirmado positivamente, dizer que o Maranhão é terra de poetas, de grandes poetas, pode ter-se tornado também um lugar-comum, mas é outra verdade que ninguém pode esconder, há nomes importantes o bastante para respaldá-la. É preciso apenas corrigir que o Maranhão fica no Brasil (terra que, por sua vez, falando português, também e, não raro, desprezada, menosprezada ou silenciada nas Letras lá fora). E se muitos poetas nasceram nesse espaço de possibilidades, são grandes por causa do esforço que fizeram, da qualidade que alcançaram e do país que eles representam. Além disso, tirando o fato de que as palavras têm suas marcas e suas ideias, poesia é poesia, aqui ou na China.

É importante, de qualquer modo, observar que o lugar pode se tornar um espaço de diálogos e criar uma atmosfera de incentivos, trocas e afetividades, como reconhece o poeta Isaac Souza, aqui relacionado, que mesmo não tendo nascido no Maranhão, habitando na Caxias de Gonçalves Dias, tem construindo o seu trabalho, sua formação e afetividade nesse meio de relações e atmosfera poéticas, assim como outros caxienses, Carvalho Junior, Íris Mendes... Portanto, ninguém vive na terra de Gonçalves Dias, Déo Silva e Salgado Maranhão, ou a leva em sua veia impunemente, como reconhece poeticamente o próprio Salgado, no seu "Terra minha" (tendo este poeta, entretanto, construído uma poesia para muito além do morro local):

[...]

*Quando eu te reencontrei
já era marcado a ferro,
sem ao menos perceber
o poder do próprio berro.*

[...]

*Me lanço por entre mares,
por caminhos que nem sei...
para no fim retornar
ao ponto que iniciei.*

*Mesmo listando ao presente
as memórias do futuro,
acabo por te encontrar,
cada vez que te procuro.*

Esta reunião de poetas, a que chamamos Q U I B A N O, e que tem seu pé inicial numa poesia produzida por "maranhenses", vem também mostrar pelo menos duas coisas.

A primeira é que essa poesia continua vibrando na mais alta tensão. Não se trata, pois, de falar do passado, mas de uma poesia representante das mais importantes questões literárias, críticas, humanas, existenciais e culturais deste tempo, ou seja, verdadeiramente contemporânea, tanto no sentido de pertencimento ao presente, aos espaços locais-mundiais/*glocais* de fala e produção que este momento proporciona, quanto naquele sentido do *contemporâneo* defendido pelo filósofo Giorgio Agamben (retomando o Hamlet de Shakespeare), como um *out of joint*, uma desconjunção, um deslocamento possível do olhar para ser capaz de enxergar as benesses e as desgraças do próprio tempo.

E um fato interessante é que grande parte da, senão toda a poesia aqui acolhida apresenta justamente olhares de trânsito e transitividade, que se deslocam no tempo de modo anacrônico, esquizofrênico em relação à realidade oferecida (vejamos, *por exemplo*, nesses dois sentidos a poesia emblemática de Iris Mendes e Franck Santos) memorial ou projetivo, seja em relação às experiências e imagens íntimas e/ou coletivas, seja em relação a uma experiência com a linguagem e a própria poesia, tensionando essas cordas.

O segundo ponto a ser observado é que a intenção da antologia é realmente não apenas apresentar novos nomes, mas realmente nomes novos, uma vez que a produção poética recente se tem feito com uma força explosiva, e se ampliado continuamente, com as novas possibilidades editoriais, os projetos individuais ou coletivos, com novas relações e diálogos estabelecidos com poetas de várias outras regiões do Brasil, e, finalmente, com as novas possibilidades proporcionados pelos meios tecnológicos e as mídias sociais. A percepção, o olhar externo, reconhecedor e inesperado é sempre bom, mas a verdade é que, tirando um outro nome, as antologias e abordagens nacionais, talvez por tanta gente boa aparecendo, tem relegado muito dos nossos poetas ao silêncio, senão ao desprezo. Há muito também, existe um vácuo em relação a uma grande antologia representativa de um conjunto do que estamos produzindo atualmente. Mas esse silêncio aos poucos começa a ser rompido, agora que também os meios tornam-se mais concretos e somam-se ao que é mais importante, a qualidade, para não restar na dependência ou na mendicância como meninos chorões. A poesia aqui elencada (cuja fruição, sentido e sensibilidade deixamos, por enquanto, ao encargo do próprio leitor, que se encontra frente a frente com ela), deverá mostrar por si só sua potência.

Por enquanto, no projeto desta primeira edição da Q U I B A N O, foram "crivados" apenas 15 poetas (veja sumário) de todo um rol existente e possível, publicados democraticamente em ordem alfabética, com seis poemas de cada um - alguns poemas já publicados em livros, outros inéditos - e respectiva minibiografia. Os problemas mais críticos do projeto são os eternos problemas das antologias, das escolhas e das satisfações, porém o modo mais coerente de os minimizarmos é pensando uma sequência de novas edições, nas quais, aos poucos, vão se projetando e reunindo nomes igualmente importantes desse cenário, novos poetas/poetas novos, mais poesia, novos materiais.

A pretensão da Q U I B A N O é irmanar nesse enlace sensível e afetivo, entrelaçar, fazer dançar numa roda, num abraço de vozes, sentimentos,

linguagens, experiências. A poesia é e sempre será o motivo, o ouro e a escolha maior deste encontro.

_ANTONIO AÍLTON

[ANTONIO AÍLTON]



Enlargueço a página em branco
para que caiba teu mar dominical

e para que a nau de cada aurora
deixe em sua travessia
uma palavra forte para a memória



A filosofia ensina que a morte é projeto
posso apenas supor que toda história

tem seus assassinos
e sua possibilidade de embranquecer a barbicha

ao meio-dia, na reclusão
e no fluxo temporal da angústia

Mediar, contudo, é acreditar no futuro
do próprio cadáver, que no círculo
completa a estrada para ti



Muito edificante o provérbio
que uma andorinha só não faz verão

No entanto assim se menospreza o valor do sol
que sozinho se esforça e abençoa a mudança
com suas tempestades de luz

Pendurar-se no pânico à espera do outro
ou na modorra
ao bel-sabor do que cresce sob as unhas

é como fazer um ninho em uma igreja

e alegrar-se porque, coração puro ou impuro,
o seu voo será banhado com o dourado dos céus



Trabalhar é ábaco
trabalhar com afinco:
eis a diferença entre a fórmula
e o fármaco

Sabendo agora
que nenhum de nós
pode conhecer a última casa

deposito em ti 3,14
do que não esperas
Vai remediado, e sê feliz



Cuidar de um velho jabuti
é cuidar de um velho poeta

Ele poderia ser como as lebres
que trocam esse arrastar de pés
e essa crosta de séculos
por um bom alongamento fitness
por uma notícia de meio-dia

Mas para ele
que prefere enfiar a cabeça no tempo
a cavalgá-lo (talvez por enquanto)
a zoomorfia da maturidade
é a zoomorfia do exílio

contudo é dali, daquela frincha
que ele sonda e espia
a única conclusão: condenação
e paciência

Morre o dono, o jabuti
vira de novo brinquedo de criança
tatu-bola cuia capacete

Ele sabe da sua condição: sem desdobrar-se
sem se tornar metáfora, casca é nada
nem o tempo seria espantoso, pouco mais

que apego, aragem e duração



1. A primeira *escriptura* desapareceu

A segunda escritura
desapareceu
então ficou o vazio sedoso sobre a pele
e debaixo dela fímbria e resina
o Lete e outros esquecimentos
da experiência, aquele rio
em que mergulhávamos em trajes íntimos
para ver o tempo fluir enquanto pele
De resto, tudo era mesmo pele
dada e acabada
era prepúcio

Um ser anódino soltou uma cusparada de silêncio
na calçada

Sua última palavra, nascida com o s de silêncio
e a paleta perdida de Cézanne
era silicone ou silício?

[tecla do corretor]

2. A vida era apenas um visgo, como se passeasse
dentro dos testículos
e dos testículos dobrados para receber o pasmo
das vazantes o rio reflui
antes que o esquecimento advenha ocultamento

[Lete: tecla
do corretor]

Seu corpo volta a si, ao cheiro de sua axila
mas já não é apenas corpo
é a lenda do narrador sobre a calçada, é página
rasgada, é tela, é mijo, é signo
cicatriz



[BIOQUE MESITO]

violetas dançam no playground

sete e meia da manhã
um menino
busca o pão
a família
o espera

oito e vinte e cinco
um carro
o atropela

doze e quinze
a família
fica sabendo

dezesseis e trinta e sete
o seu corpo
é sepultado

sete e meia da manhã
do dia seguinte
o pão aumenta
uma família
diminui

eternidade mínima

estou cego
e a coleção completa dos filmes
de lars von trier ainda não assisti
o gato que antes passeava pela minha

imaginação agora só dorme no tapete

entre todos estes combalidos anos
não encontrei o lado b da vida
que consiga me causar espantos

ou a mulher de beijos estonteantes
que me faça negar meus pedros

estou cego
e a felicidade é só mais um lúdico cartaz
os fantasmas que nunca ousei encarar
riem das minhas fotos de casamento
amigos me culpam pelo crasso silêncio

mesmo a guerra não declarada
do meu comportamento antissocial
é capaz de compreender
os carinhos extremos dos amantes
da ponte neuf

estou cego
e cada vez mais os sorrisos recuam
os amores não mais se reconhecem
o absurdo sepulta em mim seu engano
na incerteza cambaleante de continuar

a doméstica casa das invenções particulares

o tempo elege sempre uma vida para levar
mas aprendi que não existe certeza

antes corria dos trilhos incendiados
para compreender a perda que imaginamos
nem todo dia é para comemorarmos

existe uma parada ela estava lá silenciosa

há uma música que sempre ouço pela manhã
faça chuva ou quando lembro de meu pai

estão disfarçados os amantes que mandam flores
sem meus valores não julgo ninguém
meu filho acha engraçado eu dormir de pijama

a vida é uma série de confusos movimentos

escolhi o vazio dos lugares sem nomes

para mutilar lembranças que nunca existiram

os pássaros

a cada dia extinto uma dívida
imagens que rangem no espelho
ousou sentir mais que quase tudo
talvez bispo do rosário tivesse olhos
para os infalíveis caos que me perseguem
às vezes desamarro
meus girassóis

cada foda que dermos uma serpente
tigres famintos rodeiam minha solidão
enquanto escuto o sussurrar das coxas
teus olhos parecem se perder em mim
nem mesmo os poemas de hilda hilst possuem
a báquica carne
de tuas ancas
possuídas

estuário

poesia
uma insatisfação

pausa que pulsa por detrás
do mundo lâmina de alta precisão

contraventora de palavras
fuga da minha imaginação

destino que me alucina
rupestre inscrição

incêndio controlado
em minhas mãos

leite quatro

se vai mais um dia entre muitos que pensei viver melhor olhares como se esperança fosse um entulho de lamentações acelera meus pulmões ginsberg tece comentários entre a luva indesejada e o prato de comida que chega como hospitalidade aquele antro de desespero e chagas destila em meu caos inconformidades com o divino que insiste em me reter sem qualquer motivo na verdade queria estar em um avião sobrevoando as praias de humberto de campos ou conversando com uns amigos na porta do bar do adalberto

às vezes yeats faz me lembrar da samsara que é um copo de leite gelado após a bebedeira flanando pela avenida melo e povoa agarrado nas arrepiadas ancas de uma morena observo o marasmo da calcinha da mulher que ri ao lado naquele bar entre estrelas descontinuadas todos os meus provérbios de existir me negam tropeço mais uma vez na mesmice de acreditar em corações complacentes hainoã quando me chama de pai caem meus hemisférios sobre a baía de são marcos há felicidade entre o roer de unhas e a dor da cutícula

na rua do giz minha vertebral luz minha jerusalém estoica meu gozo sobre o colo de prostitutas noites que como *beatnik* caminhava desolado em busca de algo mais que pudesse estancar as interferências prejudiciais dos versos inacessíveis anti-herói soprava a dualidade dos anos oitenta/noventa com barba rala & jaqueta desbotada transpirando revoluta paixão um ser barroco à procura dos espelhos perdidos e com a obscura missão de continuar em precipícios acreditando que há um verão orgástico no caminho do poeta

a verdade da vida era para ser escrita em forma de poesia pouparia do desgaste secular de acreditar em são tomás de aquino o amor só vale a pena se não exigir tíquetes de estacionamento bandeira da mastercard crediário nas lojas de departamento da magalhães de almeida agora recluso entre gotas

interestelares seringas peidos fortuitos e azedos o deserto de barreirinhas é o arpoador das minhas abstrações bundinhas tesas adornadas de branco tangenciam minha libido meu cacete endurece entre uma e outra troca de antibióticos

o céu mais azul que já havia visto se instala em meu coração do olho d'água à ponta do farol iemanjá me guia com suas ondas caudalosas o espírito de meu avô parece dançar entre as pedras de arrebentação da ponta da areia batuques inebriantes cadenciam aquela noite enquanto os trinta e nove e meio graus me jogam de um lado para outro iniciado em rotinas e *fast-foods* inconformismos parecem me tragar para o boqueirão se pudesse acenderia velas para os ancestrais bashô está comigo é o que me deixa calmo pelo menos dessa vez

reviro-me para tentar apaziguar o cansaço do trópico de capricórnio que há em minhas costas as mulheres da antiga sunset rasgam meus olhos pela madrugada naquele equinócio de desesperança onde líamos camus pessoa gullar chopes ecoavam no *saloon* pronto a explodir a nudez de uma amistosa moça nem todos se sentiam na primeira fila do carnegie hall o cobertor florido aquece meus ossos embargados por um dia quase todo de febre e delírios ao lado da cama minha mulher ronca baixinho como um poema arisco de alice ruiz

rabolu encontrou as engrenagens simbióticas de jesus maomé quetzacoaltl pelas ruas desfilou em seu fleetmaster conversível muito embora a discoteca fosse o religare preterido chove sobre os telhados do turu e não sinto nada estou vazio como um biscoito ensopado de café frio aproveito para conferir intempéries não aguento mais ficar imóvel sobre a esquálida cama apesar de muitos livros ao meu redor nenhum tem a atmosfera lúdica de peshkov se eu fosse líquido precipitaria sobre os túmulos carcomidos do cemitério do gavião

queria caminhar pela rua portugal destilar imoralidades com sotero vital ou ouvir o guriatã cantar que a coroa está no maracanã meu alento são alguns metros quadrados e a memória profícua e desolada a contemplar a kalevala entre uvas tangerinas e sorrisos de minha mãe a conversar há uma catarse de

choros e ainda não é sexta-feira nos corações das pessoas nem mesmo o extremismo fático dos grupos muçulmanos a cortar gargantas pelo iêmen calará os preciosos traços dos redatores da charlie hebdo

pela manhã meus cabelos parecem a décima quinta de shostakovich a antissepsia é tão complexa quanto as linhas de nazca mamãe me dá uma ajudazinha e me enche de sândalo barato ouço no rádio que o país não é mais o mesmo crise à vista salários minguados violência se instalando dentro das casas a oligarquia baixando a guarda no maranhão o mundo é uma sobra de falências múltiplas enquanto uma criança vietnamita chora a perda de seu cão assado em um mercado público a standard & poor's rebaixa a nota de investimentos no brasil

[CARVALHO JUNIOR]

Balaios de soluços

flecha de mágoas-vivas, corpo de tabocas órfãs,
sou carvão desprezado no alto da ladeira
(o)fendida pela lâmina de silêncios suicidas.

o sonho resiste ao fogo, ao cuspe tóxico dos
homens-cinza e à pedra não lapidada dos
autodidatas da futilidade.

tudo morre diante dos nossos olhos:
o morro, a história, a lucidez...
as borboletas sobreviventes marcham sobre os
balaivos de soluços que explodem no jardim.

Uma teia azul

uma teia azul bebe o sangue do meu riso — rio sem margem, fundura e a
flauta que faltou ao muro no poema de Déo.

uma teia azul me envolve ao chão bêbado de engasgos e tudo que nele
germina são soluços e suicídios.

uma teia azul me lagarteia como uma tijubina que se perde no verde e
esconde o fio do sonho no silêncio da vereda assombrada.

uma teia azul me adentra os cárceres e se enovela nas embiras líquidas da
pele.

uma teia azul alinhava a cicatriz da nova lágrima em carne-viva que se forma
nas bitolas do turvo amanhecer nos morros da desmemória.

uma teia azul me desmaia no vermelho das sementes do sombrião da aldeia
primitiva e cospe em minha face nódoas enferrujadas de remorso.

Nunca te escrevi uma carta

Para Antonio Sodré

nunca te escrevi uma carta. nem mesmo para te perturbar com os sofrimentos
que invento para morrer à margem dos caminhos que se foram.

nunca te escrevi uma carta. para te ouvir nos meus banzos e desgostos e desesperos nos afogamentos de espelho ao nascer das taperas que amanhecem as aves agourentas da cerca espiralada de enganos do amor.

nunca te escrevi uma carta. talvez para repartir o choro do cântico de nossas árvores/raízes de pedra mergulhadas nas gameleiras acesas da lágrima noturna.

nunca te escrevi uma carta. sempre soube o endereço do barro-louça do afeto inquebrantável mas uma agonia sem tradução de palavra me impede de tecer as linhas que impulsionam sangue e febre e sentimento nos tapetes sinestésicos da pele.

nunca te escrevi uma carta. o grito a queda a ferida a cicatriz na ponte perdida da infância me levam para um poço de vidro sem luz, palavra ou algum aceno da menina T[ô]ca que também nunca nos escreveu nenhum bilhete depois do adeus dela na rua dos sombriões da aldeia mãe dos braços de fábulas e cirandas.

nunca te escrevi uma carta. quando voltar de Shangri-la, após a revelação dos lápis de luz dos lampiões artesanais das ruas vilipendiadas do sertão em estilhaço, há a probabilidade de que mais uma vez protele o desenho incabível nas dimensões de um envelope da carta que sempre te escrevi ao nunca te escrever carta alguma.

O rio e eu

uma folha duma árvore qualquer
dançava na corrente de águas,
flutuávamos o rio e eu
um no silêncio do outro,
até o instante em que mergulhamos
num voo de segredos dos silvos
dum pássaro de nome não revelado.

A dança mística das sementes vermelhas no meio-fio da vida

para tomar no cuspe da índia o segredo dos assobios dos pássaros das cercas de enganos da infância. para me juntar ao abandono dos umbigos dos riachos mortos. para correr nu pelos paralelepípedos da rua Santa Cruz em finais de semana de solidão chuvosa.

para ouvir tua bolsa pele de serpente bárbara declamando Shakespeare e destelhando a abóbada celeste na explosão de orgasmos. para me esticar na grama que acolhe os alfabetos sentimentais das minhas origens.

para rasgar nas unhas do arame os calos de sangue dos pés dos meus fantasmas. para me desconhecer e me matar quanto possa da companhia dos punhetas incrédulos sem fome de travessia.

escrevo para ver meus abismos se equilibrando na dança mística das sementes vermelhas no meio-fio da vida na volta para o ninho invisível.

Suicídio

matei-me com a corda que não pulei na infância.

[FRANK SANTOS]

Inexistir

As pessoas morrem. Os gatos morrem. Os peixes morrem. Os mendigos morrem. Eu morro. Minhas tias morrem. As plantas morrem. Antes começaremos a temer o escuro do quarto. As praças. As praias. A cidade. Os livros. As outras pessoas. Restará a nostalgia de um tempo simples, como uma tarde numa cidade do interior, dois ovos dentro de uma chaleira cozinhando. De filmes norte-americanos numa sessão da tarde e suas crianças esquecidas. Uma noite com cordel sendo lido. Inexistir é a diferença entre fugir ou se afastar enquanto aos poucos vamos nos reduzindo a signo, holograma, diagrama? A certeza que nos encontraremos em outra galáxia? Existirá um dia que inexistiremos. Todas as certezas se apagarão.

Os silêncios que viraram coisas

Bebi seus silêncios. Os que você nunca foi capaz de romper. Por causa deles, uivava com os cães, caminhava nos dias como explosivos. Bebia silêncios e seguia navios, aviões, bicicletas e transeuntes. Era eu aquele blues, aquele fado dolorido. Dentro dos seus silêncios fui descobrindo canaviais. Abelhas. O que era doce. Por isso, às vezes grito. Às vezes uivo. Às vezes feriado. Por isso, não há correios para enviar as cartas que escrevi dos seus silêncios.

Ilha submersa

Na noite, um grito, que não coube em mim.
Âncora, suas mãos
Asas, sua voz
me acalmam
e na madrugada seus braços me resgatam do sonho-pesadelo
que na manhã cruzou as fronteiras do quarto
as distâncias, aerodinâmico.
A solidão entra pelas janelas e nossos corpos são paisagens cortando o dia
somos belezas apagadas
um símbolo do vazio.
Na tarde, torno-me uma ilha submersa
e o deserto o chama
enquanto os corvíderos trocam suas penas ao anoitecer.

Amor

Há manhãs que padeço de um amor novo
solícito

sorrisos
café posto
com as camisas dele no varal
seus sapatos pelas salas.
Há tardes que padeço de um amor velho
áspero
gasto
roupas sujas
louças na pia
onde há eu, ele e todo o resto que não se sabe.
Há noites que padeço de um amor tédio
dormindo no quarto
pentelhos
ácaros
cansaço
nenhum sonho.
Há madrugadas que tropeço em móveis
no vazio
insônia
que padeço desse amor
que não bate à minha porta.

Estilingue

Costumo me perder em tardes de domingo
uma repetição, tão antiga, nesse tempo presente
talvez me acharia num combo de alguma lanchonete
num café amargo
numa música de alguma estação de rádio.
Costumo me perder em tardes de domingo
mas queria atravessar a cidade para sorver um último gole de água salgada
de qualquer praia
enquanto à noite não chegaria e ainda encontraria tempo de colher
vinte flores amarelas
num jardim que não existe
para enfeitar a mesa do jantar.
Costumo me perder em tardes de domingo
como quem sai de um cinema, do nada, de uma galeria vendo pinturas surreais
como quem tem o sol numa rede perto da janela do quarto
como quem termina de ler 'salão chinês' e tem que 'arrumar as malas antes de
te escrever a carta de despedida'
ou que o domingo acabe.
Costumo me perder em tardes de domingo
muito antes de o conhecer
quando ainda não havia esse estilingue
me deixando em carne viva
que é o seu olhar.

Convite

O chá e os bolinhos de chuva
assim como o seu convite de casamento
(que não pude aceitar)
ainda esperam, você me diz,
enquanto olha a chuva e as janelas vizinhas
coloca seus sapatos para secar
e pensa:
(será que lá são infelizes?).
Leio Sylvia Plath ao sol da tarde
e digo:
(a única decisão que posso tomar é a disposição dos quadros).

[GEANE LIMA FIDDAN]

AO PERCORRER o exterior

por dentro
eu
parada
diante das passagens ditas mais avançadas
tinha acabado de chorar
na frente da ressonância de uma cabaça
já andava cansada
de dar ouvidos aos canteiros velhos melosos
que bancam os experts
a Nana do século incerto
porta de papeis
de vez em quando radicalizam a tranquilidade
quando encontram em mim escamas de buriti
resquícios de um ser miscigenado
que engole a dor
apresentando outras
de longe é mais fácil ver o próximo.

A sombra do

Quando o passado não se alastra
nada existe
ainda existindo
hoje está além de ontem
ontem deve ser aniquilado
fica tudo deserto
quando se volta ao passo dado
é possível saber o que será o hoje amanhã
o futuro do presente é o infinito
espera-se que um novo paradigma aconteça
muitas águas só acontecem
mediante a chuva de colapso
só o desconhecido saberá o que é o ser
amanhã

Girassol

ontem vi nas nuvens muitos brincos de lua,
impregnados de histórias dos filhos do vento.
Cigano,
as estrelas fazem mimos nessa madrugada onde o silêncio reina.
São cavalos espalhados pelas eiras.
Teu coração tem dança e danço quando vejo saias vermelhas.
Sinto- me lua nessa noite onde a quietude respira liberdades.
certas simplicidades são como as flores diversas

Cosmopolita

das palafitas para outros horizontes
os animais que não engoliram meias-verdades
pegaram no batente pesado desde cedo
foram vencidos pelos braços do cansaço
em matérias de fatalidades
o cosmo sabe
muitas disposições foram jogadas
em molhos pardos de dores nevrálgicas
diante da antimatéria que faz presença no espaço
a consciência motivada vai embora
surge com mais vigor em outro alvorecer

Contra os oxidantes

antes de partir
abrindo um sorriso
no extremo norte caminho
sequiosa de impulsos significativos
um ser sensitivo
entre pedreiras
perturba os pés de instâncias adormecidas
no seio das partículas de ferro
muitos bailarinos se tornam estátuas
quebre os icebergs
é tão fácil ser um náutico
e tão difícil
quando mesmo as pontes
não entendem os passageiros

Consumo

atravessando lagoas de metamorfoses biológicas
sem tomar conhecimento do fascínio dos garanhões
Das dores
sem sequer ter visto as bolhas de águas turquesas
o murmúrio dos golfinhos de Fernando de Noronha
tomou água corrosiva
as nuvens peregrinas regrediram
ao perder o senso de vista
penetraram em seu ventre
ela ejaculou as façanhas
na segunda vez que sorveu tal água
fisgada pelas lascívias
foi-se

para os pés da ecosfera
imaginando
a magia
do mundo
da lua

[HAGAMENON DE JESUS]

21

e
seremos
como nossos sabonetinhos de uma noite só
pequenos
e sem significado
deixados ao sereno...
como as nossas
camisas de vênus

Só o Momento

só o momento, deus
de um único salto,
te dará a palavra certa
ou o silêncio, mago.

Atualmente

lâminas
são a minha
principal
característica,
todas elas:
a resposta, rápida
o sarcasmo, ríspido
o cartão
a faca
do bandido
a placa-mãe
do concorrente, do inimigo
lâminas
estão agora no horizonte
estão cortando
os olhos,
a fonte
de toda forma terna e ardente,
são mais do que giletes
ou barbeadores
de cabos
transparentes

são a nossa
forma de ser gente.

Esfinge Desimportância

A um antigo Cabaret

O amor
também é
uma possibilidade de ausência
arranha as margens
do que posso,
do que sou

Ele singra este momento,
esfinge desimportância,
e desintegra,
o padrão *fashion*
dos ternos valentino
o amor ainda é uma derrapada de *ferráris*,
precisa ser.

O amor
ainda
faz do arbítrio uma sina
ou (pelo menos) escorrega
nas sarjetas
o pé tardio que buscou consolo na Faustina

Coleção

Ao que fez de mim
mulher
colorida e aberta
asa delta

deixou de mim
no seu quadro flores, e minha queda,
cores

espalhadas pelo chão.

E eis-me aqui,
colorida e sem vida,
borboleta de coleção.

a flor do design

*a flor do design é a
mesma,
a flor do design,
é terno furor
é terna forma e
cor (que jamais esperas
do desespero)
a flor do design é sempre a mesma*

flor

[ÍRIS MENDES]

Lenda

Eu sou aquela
Que desce a serra
E assusta o povo.
Pálida, falecida e fria,
Mas com uma ferida quente
Que não cicatriza.
Escondo o rosto.
Não tenho gosto.
Sou ouro encantando
Velando segredos
De remoto passado.
Sou impassível
E tenebrosa.
Sou flor
Que brota do centro da terra
Quando a meia-noite rega a relva
E desapareço na luz da aurora.

Sublimação

Um rio freme e buzina
e me impele
para a foz de uma segunda-feira.

Um tumulto agita os nervos da Avenida,
mas o relógio sorve os olhares
e determina o tempo da indiferença.

A vida ebule
de nossos ponteiros desacertados.

Sinal verde!
A agenda está aberta.
A cidade e eu seguimos,
uma girando a engrenagem da outra.

Há uma exclamação
no meio do caminho:
no semáforo um pássaro faz ninho!

Uma esperança morre no cruzamento.
Não dá mais sinal o coração.
O tempo atropelou algum sonho que ainda havia.
Arranca o motor da necessária e boa solidão.

A cidade e eu seguimos como vultos,
a despeito dos nervos, das buzinas e do tumulto.

Nosso acidente foi a quebra da ponte
que levava ao silêncio.

Só o olhar não dói:
escapou pendurado
no voo do pássaro que buscou o céu!

Obajara

Sol a pino!
O tempo
Transpira angústia.
Uma ave canta,
Chora inquietações.
É um grito precursor
Que diz contra a dor
E derrota o silêncio.
Dissipa enganos
No sertão dos séculos
Atravessados na alma.
O amor manifesta-se
E também grita: efatá!
Obajara desperta,
Persegue um Oásis,
Alimenta-se e segue.
Sua sombra
Derrama alívio e redenção
Ao longo da caminhada.

Alecrim

O morro olha silencioso
A cidade.
Somente o vazio fértil ou as inquietações
Que existem no interior das pessoas
Mais serenas ou imensas
Falam.
As luzes
Dizem
A cidade,
A vida,
O mundo armado em concreto
Do homem selvagem,
Porém, às vezes, terno,
Quem sabe prenhe de humanidade!
(À noite)!
Alecrim! Ninguém é de ferro.
E a tua ternura quebrou-me

O concreto.

Ocultação

Amor e medo! Já é dia,
Esse corpo calado e vestido,
Essa noite exilada em segredo.

Locus amoenus

Silêncio,
Freio sereno.
O mundo estacionou na vaga da PAZ.

[ISAAC SOUZA]

Patoá

Quando grilos e castanholas
me anoitecem na piçarra,
homens e mulheres me amam
- fibra a fibra, cara a cara.

Não tenho destino, sou fuga
- orvalho noturno, pele solar.
Na quebrada onde me escondo,
o amor é o patoá.

O sétimo homem

I

O mar estava vermelho:
massa confusa,
sacudindo ao vento gélido.
Meu cavalo baforava nuvens de vapor
- nuvens cor de púrpura ele baforava-
e seu pelo se cobria de cristais da mesma cor.
Ah, o céu!
Aquelas nuvens de redemoinho,
tons de rosa, tons de azul,
um verde (de absinto) cintilando na borda,
uma sombra verde que brilhava,
as cores se confundindo no caos.
Eu cavalgava para o Norte,
em busca de Madalena.
Um tiro no meu peito,
o sangue estancado com o ferro quente do meu punhal.

O vento me anestesiava a carne,
mas fazia-me arder os ossos
- é um cavalo mestiço, ele não cansa nem morre.
O mar estava confuso, massa vermelha
- eu cavalgava sobre os cristais.

II

A noite veio várias vezes
e várias vezes o dia se foi também;
os brilhos não se distinguiram,
porque o tempo quis ser como os homens.
Eu pensava na morte,
na pedra que amolou a espada.
O sangue dos meus ancestrais embolorou sob a terra,

até a sepultura envenenou com nossos votos.
Mas eu cavalgava para Madalena,
dizendo “ela me aceitará”.

III

E veio a sombra do primeiro homem.
Seu manto tinha um forro costurado,
forro de escuridão
- apenas uma estrela pálida acendia em sua testa,
apenas chamas doentes crepitavam nos seus olhos.
Era o homem de quem a bruxa falou.
Quando ele pisa, a tristeza lateja.
Os cascos do cavalo mestiço
congelaram quando a onda os tocou.
O primeiro homem gritou,
fez mar dobrar, dobra de sino, dobrou.
Apontei a espingarda de cano duplo

para aquela estrela anêmica.
O disparo chupou todo som;
uma explosão de fogo frio;
uma coluna de fumaça transparente;
um gemido sobreviveu, como um trovão sentindo dor...
As trevas do manto subiram como fumaça de incenso.
Dei meu cavalo para o mar.

IV

O segundo homem me deu pão,
eu o matei com meus dedos.
O terceiro homem me deu água,
eu o matei com meu olhar.
O quarto homem me deu sua filha virgem,
eu o abandonei no deserto.
O quinto homem me deu lençóis de seda,
eu o matei com um espelho.
Nos lençóis, fiz amor com a filha
do quarto homem,
ela se olhou no espelho e se chamou mulher.
Deu à luz o sexto homem,
eu o matei com minhas palavras.
Do corpo dele, nasceu o sétimo homem,
e ele tinha forma de cavalo.
Seu pelo era amarelo,
e ao vento gélido da praia,
nele se formaram cristais.
Tomei a mulher sobre o cavalo que corria,
e ela deu à luz uma canção que trazia calor.
Eu a amei, mas ela morreu - a canção a matou.
E depois de muitas luas,

chegamos

- eu, o sétimo homem (que era cavalo) e o cadáver da mulher -
às portas de Madalena.

V

A cidade se movia,
dançava,
corria,
queria seduzir,
acolher em seu doce engano.
Só então eu percebi que Madalena era uma maldição.

A cidade pesava,
doía,
machucava,
puxava os membros dos homens,
separava suas juntas e articulações.
Todos os homens mortos
choravam sob seus alicerces,
os seus alicerces inchavam,
engoliam crianças.
Havia mulheres nuas,
homens com muitas mãos,
todos de cabeça cortada.
As cabeças giravam em um cata-vento na torre,
e às vezes os corpos faziam orgias em cima do muro.
Havia o corpo de um poeta pendurado na praça,
e um homem de terno lhe jogava pragas.
Flores em preto e branco,
a sombra verde de absinto que cintilava na borda do céu
- eu fiquei velho e não percebi.

VI

De repente, eu era cavalo
- o sétimo homem era eu.
O cadáver da mulher montou meus lombos
e me fustigou com cabelos oleados,
meus pés eram dolorosos cristais.
O homem abandonado no deserto
sorria como louco, sem dentes na boca,
sem voz, sem memória e sem beleza.
A mulher não lembrava que ele era seu pai.
A sombra do primeiro homem se formou de novo quando a noite caiu
e cuspiu em mim o tiro que eu disparei.
Era apenas o mar,
vermelho,
uma massa,
confuso,
sacudindo ao vento gélido.
Mas a morte outra vez rejeitou meus votos,

e eu galopei sobre os cristais.

Suor e solidão

Corpos e silêncios, mulheres nuas;
noites de suor e solidão;
mãos em minhas mãos que não as tuas;
o tempo a me perder, o tempo vão.

Passos sem destino, eu pelas ruas;
beijos sem saliva e coração;
tantas horas frias, secas, cruas;
novamente o tempo, a ilusão.

Haikai

I

Seios de ternura
tremor de fervura
encharcá-los sem frescura.

II

Fecha o olho - cegue.
Em frente: até onde Oi
o diabo não te carregue.

III

Na madrugada
o sol do teu corpo me leva
ao outro lado do mundo.

IV

Pedra,
beije a minha boca:
somos feitos do mesmo pó.

V

Revirar a cama,
virar a noite:
varar a carne.

VI

Lembranças são brisas:
há fragrâncias antigas
- escondidas no frescor.

Soneto X

Ela tem risos e veneno nos lábios
- poesia obscura nos olhos de atriz.
Mas é quente quando corta o salão,
dançando salsa e rock, virgem meretriz.

Espelhos de esfinge de jade
- na íris de enigma suave e hostil.
Palavras de um poeta morto
ela traz desenhadas na curva do quadril.

Amada, a madrugada nos infringe.
Tinge de vermelho a boca e balbucia
cios de sereia, silêncios de jasmim.

Jazz sobre o meu peito, prata que te cinge
mancha com meu branco o preto do vestido
E escorre, noite aflora, outra vez longe de mim.

Urgência

Tenho tanta urgência de te beijar
que brotam versos no meu coração,
e não mais te beijo: o amor pode esperar,
a poesia, não.

[JORGE BASTIANI]

Esquina de bar

Sou como o vento
que varre essa rua
que sopra a cidade
que tem o tempo na idade.

Sou como o tempo
que traz a velhice
que rola de medo
e tem mil segredos.

Eu sou como as pedras:
duras e eternas
que nem mesmo o vento
o tempo a cidade
podem acabar.

Caminho pela rua
que tem mão única,
na praça do Centro
atravessa uma esquina
o meu lamento.

Sou um ponto qualquer
homem ou mulher
sou história.

Sou o frio da noite
sou segredo do escuro
sou sonho.

Sou solidão de criança
sou eterna infância
sou mistério da luz.

Mas há luz nesse túnel
encoberto
sou lama sou teto
sou segredo na luz dessa
vida
- sou esquina de bar.

Nascer

Havia uma criança
De olhos perdidos
Olhando para o nada

Quando o mundo
Explodiu.

Silêncio!

Que coisa!
Eu só quero
Uma casa
Cheia de sol.
O resto,
Eu durmo.

Pirraça

Só de pirraça
eu vou cantar na praça
quero ver quem caça
minha melodia.

Só de pirraça
vou voltar à terra
vou soltar a fera
e fazer folia.

Só de pirraça quero o teu
amor.

E dos canteiros vou
roubar uma flor,
soltar fumaça para o seu
horror.

No fim da tarde, ver o sol
se pôr
e de graça
vou fazer pirraça,
fazendo este show.

Pulsação

É o sangue que irriga
São as veias inflando
É um sopro que invade
É a vida que brota
São as palmas com águas
Saciando esta sede

São as cores no céu
Desenhadas em seda
São os olhos atentos
Ao suor, ao espanto,
São corridas trôpegas
Atiçadas em açoitões
Que empurram certeza
Arquivadas em mesas
Contadas em cantos
No ritmo do coração.

Carta

Não vou escrever mais nada!
Nenhum verso,
Nem reverso,
Nem avesso.
Acho que
Esqueci
O endereço.

[KISSYAN CASTRO]

Carbono 14

Pensar a pedra
como atrás fora
o ser, é do chão.

A pedra que dentro
diz da criatura
seu peso-réu
de ambição. (De quem

o novo erro?)

Nosso verbo se iguala
ao dos dinossauros:

adubos de um paraíso além.

Inventário

Não tive ouro ou gado que me valha
neste pasto-imposto
cobrado à sanha de metralha.

(em vez de dólar, dolo,
o duplo das vezes, fezes)

Não tive ouro ou gado que me valha
neste pasto feito excremento.

O silêncio atroz que me navalha
é tudo o que hoje ostento.

Fênix

Um corpo
para que o pó o plume
da pedra que o pena,

que pena
é peso de pálpebras
na palha após
do tempo.

A pena

que é do pássaro
o sempre depois
no próprio pó
a repetir-se.

Lição gastronômica

À maneira dos peixes
no paladar dos mares,

as línguas do silêncio
nadam juntas no pó.

Ó cardápio em mim
onde sem pai naufrago:

és o que de Deus cabe
quando porto nenhum.

Mulheres inacabadas

1

o comportamento da luz tem no corpo
inúmeras paisagens,
como a bigorna do sangue
a própria espessura espetada no silêncio.

debaixo da luz, por exemplo,
o carbono perde sua fúria litúrgica,
não escoia como os jardins
na obsessiva nervura dos séculos.

o comportamento da luz só abriga
a luz quando em seu halo
dormem verdugos acariciáveis.

(o comportamento da luz
tem suas próprias alimárias
nos orifícios do corpo)

não queira iludir-se domando janelas
e mais janelas. não molestes o fonema
cumprindo seu plantio.

o leito tem a mágoa de uma resma hedionda.

nele as frutas têm som de peixes
e as águas falam para os dedos. a luz é íngreme.

falta-lhe a marcenaria dos ritmos
e a digestão dos espelhos implícitos.

a pressa com que se despe
segue o mesmo parâmetro das fábulas.
(há litígio em escoltar fábulas?)

o comportamento da luz tem no corpo
inúmeras mulheres inacabadas.
a inocência com sua geometria
de cavalos incircunscritos tem no sangue
o sabre de uma idade ancestral.

O Estreito de Éden

A Nauro Machado, *in memoriam*

Além está o rio, antes do azul,
antes mesmo da água, um rio além
do rio, a cavalgar o dia num púl-
pito de estrelas, vãs, de morto Amém.
Além está até do fim. Ao sul-
co de suas patas afogo-me, sem
gole, à gula das glândulas refluó
sem qualquer Deus: um rio para ninguém.
Somente em mim afundo a nau nasal
como no Saara a abóbada do ovo
num pão de dó que a tudo abisma e une ao
rio, que está além, a sós, antes do dano
que fez-me póstumo, para de novo
fazer-me e morrer-me à praia do humano.

[NEURIVAN SOUZA]

Insurgente

bebi o sangue das horas
na demora dos sonhos
cuspi na cara do tempo
o destempero das sobras

e no trapézio dos desejos
fui tecendo meu caminho
na cerração da inquietude
na dura sequidão da vida

das sombras fiz meu sal
das pedras extraí a cura
lavei a cara empoeirada
na biqueira das lágrimas

e no cárcere da minha alma
engordei um diabo amigo
enquanto chorava silêncios
no desalento dos desencontros.

Moeda

à luz do dia
minha cidade
é uma bela jovem
vendendo jornais
e livros no *stop*
do semáforo.

ao véu da noite

essa mesma cidade
é uma cadela no cio
uma prostituta de luxo
traficando AIDS
a altos executivos.

Todo o peso

carrego nos ombros
curvados pelo pranto
o peso de dores órfãs

uma âncora oxidada
um balde de água
uma mala de chumbo

todo o peso deste mundo
não pesa um grão de areia
do deserto que me habita.

Gênese

acaso eu teria voz
acaso eu teria vícios
acaso eu teria versos

acaso eu teria sede
acaso eu teria signos
acaso eu teria safra

se nas minhas veias
não corresse escuridão?

Níquel

na última vez
que o amor veio
me ver não portava

flechas nem flores
vinho ou versos
mísseis ou maçãs

trouxe sim nos olhos
o fósforo e na boca
um barril de gasolina

o que em mim
não virou cinzas
o inverno regou.

Paisagem do cotidiano

dos becos dos morros eu beijo
as mãos do Cristo Redentor

ele me olha com a compaixão
de quem conhece o peso da cruz

balas em brasa abalam as casas
chuva de meteorito a olho nu

elas perfuram a medula do poema
transcrito no muro da minha escola

as botinas ordenam o calabouço
e os ratos decretam o silêncio

pela fresta da janela revejo o Cristo
porém agora de costas viradas para mim.

[SALGADO MARANHÃO]

Lacre 7

Quando, enfim, leremos
o lacre deste agora
no delírio *piercing*
rasgando a língua?

Quantos quilates
de autóctone nos arvora?

O sangue que suja a tarde
no muro dos séculos,
canta império e senzala.

Tudo está infecto
em cada lote: a vida
em seu refil
no covil dos coiotes.

Dá-me ao menos este reino
do amor falho, ó manhã
concubina, dá-me
essa cruz de flores.

Corre um rio seco entre
dédalos, corre
um *cyber* símbolo
no tambor que replica
a fronteira dos povos.

No entanto, o tempo
invicto é o nosso esporte,
e cada um só morre
a sua morte.

Viajor

Caminho no torrão
onde a língua guardou
seus trapos; sua
vertigem de lírios
e sermões. Sigo

à deriva,
entre fogueiras e degelo,
neste vôo escarrado de abismo
e santidade.

Sou o viajor que carrega
a seara mítica
e a liturgia do fogo.

Sonhei uma aldeia
de vinhas
 (ou um barco
arrancado aos piratas?)

e tenho só este sol
que me queima a língua;

e tenho só esta sede inflamável
misturada ao sangue
dos bichos

estou contaminado
de esquinhas
e devires.

A cor da palavra

Poeta é o que esplende
a labareda entranhada
 ao rugir
das pequenas agonias.

Assim se erguem
(em meio ao tropel dos dias)
as cidades da memória:
contêineres feitos de gestos,
palavras incendidas de milagres;

assim se alumbra o coração
em seu charco de prímulas:

este atol que atou-me
à borda do deserto e ao sangue
em que partilho
estas horas carnívoras,

tangido a barlavento
por minhas perdidas ítacas.

Terra minha

"Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá"

Quando eu te reconheci
havia um rio entre nós,
desde então sigo cantando
no leito de tua voz.

Quando eu te reencontrei
já era marcado a ferro,
sem ao menos perceber
o poder do próprio berro.

Passa por mim esse slide
como um cinema secreto,
como se dessa paisagem,
fosse meu próprio alfabeto.

Me lanço por entre mares,
por caminhos que nem sei...
para no fim retornar
ao ponto que iniciei.

Mesmo listando ao presente
as memórias do futuro,
acabo por te encontrar,
cada vez que te procuro.

Deslimites 10

(taxi blues)

eu sou o que mataram
e não morreu,
o que dança sobre os cactos
e a pedra bruta
— eu sou a luta.

o que há sido entregue aos urubus,
e de *blues*
em
blues
endominga as quartas-feiras
— eu sou a luz
sob a sujeira.

(noite que adentra a noite e encerra
os séculos,
farrapos das minhas etnias,
artérias inundadas de arquétipos)

eu sou ferro. eu sou a forra.

e fogo milenar desta caldeira
elevo meu imenso pau de ébano
obelisco as estrelas.

eh tempo em deslimite e desenlace!
eh tempo de látex e onipotência!

leito de terra negra
sob a água branca,
eu sou a lança
a arca do destino sobre os búzios.

e de blues a urublues
ouça a moenda
dos novos senhores de escravos
com suas fezes de ouro
com seus corações de escarro.

eh tempo em deslimite e desenlace!
eh tempo de látex e onipotência!

eu sou a luz em seu rito de sombras
— esse intocável brilho.

Delírica IX

Alargo tua vícera
até onde minha lança lúbrica
adoce teu grito.

Até onde te decomponhas
rendida a teu corcel
feroz e desviante.

Persigo teu mapa
audaz e incisivo,
pródigo de lanhuras

que te anulem
e glorifiquem.

Te aferro ao sangue
minhas relíquias étnicas
de um tempo tão remoto
– e mítico –
Como eu e minha África.

Bendito é o mar
que te recolhe a meu cais
– inaférível –
expandida em teus limites.

[SAMARA VOLPONY]

tarântulas

meu estômago oco ronca vazios
não há dente que triture nem mandíbula
que suporte tão vil alimento

o útero seco chora a saudade do filho
que não vem
– não há raízes que me finquem
nesta terra deserdada!–

até as tarântulas mansamente
atravessam a rua e povoam o quarto
com sua cara de desdém.

eu, porém, inútil
entre teias que me fazem refém
guardo útero e estômago
que não tiveram a sorte que
as tarântulas têm.

contramaré

(musicado por Gildomar Marinho)

na ordenação das águas
me exponho
qual Narciso a se mirar e se amar
à exaustão
miro-me no espelho esculpido
à tua imagem
nas turvas águas:
nossa ordenação

ah, este rio encravado em meu peito
ai, este rio vazando em meus olhos
a desaguar
no cais das nossas esperas
qual palavra haverá de enganar o tempo?
que palavra tua não se perderá?
quais palavras vãs haveremos de cantar?

à memória de um rio

há um rio morto em meu rosto
no meu asco
no meu grito
em minha boca há

um rio seco

há um rio sepultado
em meu peito
—pântano de açoites—
de escombros e espanto
este rio é feito

há um rio morto em meu rosto
brejo sem acordes
na sede que aos olhos lava

e no peito dos homens dispersos:
lama
lodo
larva

decreto

em minha língua
há uma rima fria
um verso que me abocanha
interdita de minha pátria
desconhecida dos meus
esta palavra me acompanha

entre meus dentes
há uma louca palavra
que me engole
um grito que me estrangula
estrangeira de tantas pátrias
pelos séculos e línguas
proclamo:
minha palavra não
tem censura.

correspondência

uma esperança quase rancorosa
prende-me ao mundo

estou cercada de busca
e solidão
inerte
sem paixão

uma cantiga em mim implora
inflige-se
nos descuidos do meu bem querer

estranho é o meu verso:
emerge de uma fé cansada
que sai cantarolando
sem parar

e refaz-me lúcida
definitiva
extrema.

sob[re] as mãos e unhas de sandra

as mãos de sandra rezam meu destino
em breves traços
e a grande mão do deus me guia

as unhas de sandra
cobrem a pele
pulem as páginas do meu livro de engano

são visões apocalípticas de bingen
cartas escritas a ninguém
passagens de monja entregue à fogueira

as unhas de sandra
escondem minha confissão:
tão rentes na pele de quem sente
tão frágil no cravo das suas unhas
no crivo de sua mão

[SEBASTIAO RIBEIRO]

Idos

Me coça o coração até que fira
arame esticado cerca ao contrário

estar é algo extenso
espera cada célula se desfazer
inseto oco mínimo e implodido
ou o tempo gotejando da pedra
invenção de um espírito

bouazizipalachquangduc em prece
as formas que viver toma desfilam
em ciranda

estamos aqui dispostos ao corte
ou nos levam ou nos deixamos

você e sua boca de fogueira
suportam bem basta-lhe cuspir
não nós

que fazer além da chama?

Contar o peso das moedas
infiltrar sinais de rádio
no fundo do ribeiro onde
me consignaram o calor

ébrio_ígneo

por vezes enigmas que
me sorriem quando sento
na calçada dos loucos

por vezes papoulas que
me colam os olhos
por vezes jambos que
me negam os lábios

por vezes guitarras que
me espremem o ventre
dilaceram parte do contrato
feito na ocasião da quentura

mas inventaram
centros de triagem
assim meu formato se desemite
em espaços entre tua fressura
e não sabes que existem

me jogo eletrificado
contumaz ferozmente surdo

ansiando te consumir inteiro
apesar que as páginas mofadas
que nos são a cama
orientarem descrição

Saturnreturn

face nunca transmuta ao espelho entendo agora a lonjura eu deveria ser um
cavalo tantos coices que desfiro possível mudez de um perfume só achado na
montanha facas bem postas próximas aos pulsos mas inacessíveis tanta
história me estufa e paralisa medo de esquecer números do endereço no beijo
dado sou Philippe Petit mas sem perícia meus amores têm gosto de cocaína
duplo twist carpado em slow-mo toda manhã meu filho me corta os tendões
mereço todos os livros que li pela metade

Tríptico

1

Estufado de sentir
mas sem bússola

Rio de lama que
singra o destino da
escolha - o que há

Gravetos por pernas

2

Não fosse o veneno
que nos corrói
certeza seríamos
frangos de granja:

penicilinas
depenados
e sem bico

a queda pelo
próprio peso

3

Sobrevisto de um

ângulo escuro
sou o troço
que a Capital usa/ eu
mesmo abuso

A vida em descasco
busca-se troco em tudo

Derreto
enquanto canto
o choro - eletrocussão

o cadáver no pasto
do teu bife grita
a lição escorraçada

mote

& foi-se o tempo dos épicos & foi-se
em seu inverso-interior aluminado
o meu tempo

hoje
é a luz receitando meus olhos
hoje
é todos os espaços contornáveis preenchidos
por dúvida

é os móveis arborecidos no quarto
ocultando fruto em casca de vidro
me enxergo
apalpando o rosto
descobrimo-lhe os restos

hoje
é estuar-me no silêncio doutros cômodos
que guardam garantias
de distração

contumaz réquiem dos vivos

i. chega o dia
em que a lágrima
ganha
razão técnica
expulsão prática
precisão jurídica

ii. mesmo a criação
se possui lógica no consumo:
todo caminho oferecido
me legou direito
a prazo de validade

iii. eu sou meão
jamais remido

iv. assim
numa forma de terra
a ser arada
me sou também
a relha

v. eu sou
suco confuso
na entranha
do sapo
que chuto

vi. e chega o dia
em que me ouço
pela primeira vez
explodo

vii. parte de mim
dorme
no gato
ao lado
da geladeira

viii. outro lado
se cala ao perfume
de loção barata

ix. certo pedaço
sequer existiu
mas corria descalço
indiferente
ao diabo que
lhe carregava

[VIRIATO GASPAR]

Bilhete a Montale

Que tempo este de agora e suas redes.
O sol morre de frio e o mar, de sede.

Que mundo este, que encheu só de vazio.
A fome rói nas ruas seu fastio.

Goramos o luar; só resta um mantra,
e este gosto de agosto na garganta

Voluntários da pátria

(A Oswaldino Marques, in memoriam)

perdemos a tarde
o ônibus
a paciência
e a vida

perdemos a cor
a calma
a voz
o voto
a vergonha
e agora

voltamos pela rua lentamente
livres do peso da nossa dignidade
- sobrevivemos a mais um dia -

Índice

(A Ferreira Gullar)

O homem é a matéria do meu canto,
qualquer que seja a cor do que ele sente.
E não importa o motivo do seu pranto,
é um homem, meu irmão, e estou doente
de sua dor, e é meu o seu espanto
do mundo e desta hora incongruentes.
Na trincheira do Verbo me levanto
contra o que contra o homem se intente.
O homem é o objeto e o objetivo
de quanto sei cantar, e o canto é tudo
que pode me explicar porque estou vivo.
Às vezes sou ateu, noutras sou crente,

em outras sou rebelde, em algumas mudo:
— sou homem, e canto o homem no presente.

III

Aqui a tarde reparte
a combustão de quem cala
e ateia o atro estandarte
no borbulhar de uma bala.

Aqui a tarde se parte
contra quem tenta ajuntá-la,
sofrendo-a como um enfarte
no miocárdio da fala.

Aqui a tarde é um crime
do qual o tempo se exime,
mas cobra e nos aciona,

a descontar da passagem
o preço em pó da viagem
que a gente vai de carona.

V

Domingo é apenas o espaço
de se exumar a semana
para além do lume escasso
da casca cotidiana.

Domingo é o grito do braço
que se gastou na gincana,
a colheita do cansaço
do logro da gula humana.

Domingo é o trago da trégua
com o sol e o céu, uma légua
de ócio que se armazena

em cada dia adiado
pelo dedal do ordenado
no safári da safena.

XXI

Antes que o último míssil
desabe sobre o planeta
e em fogos-fátuos derreta
o nosso armistício físsil.

Antes que algum general,
de Washington ou Moscou,

descubra, filosofal,
um invisível complô.

Antes que a última bomba
deságue em nossas cabeças;
enquanto a tumba não tomba
no pampa da pane espessa,

manter acesa essa ogiva:
só a vida, a vida
viva.



[ANTONIO AÍLTON] poeta, professor, pesquisador da poesia brasileira contemporânea. Livros publicados: *Compulsão agridoce* (Poesia, Paco Editorial, 2015); *Os dias perambulados & outros tOrtos girassóis* (2008, Prêmio “Cidade do Recife” - Categoria Poesia); *As Habitações do Minotauro* (2001, Prêmio Cidade de São Luís - Poesia) e *Humanologia do eterno empenho: conflito e movimento trágicos em A Travessia do Ródano, de Nauro Machado* (2003, Prêmio Cidade de São Luís, ensaio). Autor da tese *MARTELO E FLOR: Horizontes da forma e da experiência na poesia brasileira contemporânea* (Curso de Teoria Literária, Universidade Federal de Pernambuco).

[BIOQUE MESITO] nasceu em São Luís do Maranhão, tem mais de 45 anos. Faz parte da Geração 90 da poesia maranhense, possuindo dois livros de poesia publicados: *A inconstante órbita dos extremos* (Editora Cone Sul-SP, 2001) e *A anticópia dos placebos existenciais* (Edfunc-MA, 2008). Possui no prelo “A desordem das coisas naturais”.

[CARVALHO JUNIOR] perdeu o umbigo em Caxias/MA ao sol de um outubro de 1985. Diz-se um versicultor e “índio fantasma da tribo Quirola”. Publicou os livros de poemas *Mulheres de Carvalho* (Café & Lápis, 2011), *A rua do sol e da lua* (Scortecci, 2013), *Dança dos dísticos* (Patuá, 2014) e *No alto da ladeira de pedra* (Patuá, 2017). Tem poemas publicados em revistas, jornais e antologias nacionais.

[FRANCK SANTOS] um homem comum,ilhado em São Luís, que aprecia dias nublados e chuvosos, uma casa no campo, vinho e blues. Publicou *Fogo Fátuo* (2011, independente), *O azul que não desbotava* (2014, Penalux), *Poemas para dias de chuva* (2015, Patuá), *Do lado de cá do Atlântico* (2017, Penalux) e *Os Mapas Sinalizam Ilhas Submersas* (2017, Appaloosa Online Indie Publishing).

[GEANE LIMA FIDDAN] Maranhense. Tem publicado os livros *Argos da Matéria* e *O Norte*. É Professora de Literatura e pesquisadora. Foi coordenadora do Projeto Rede de Escritores na Universidade Virtual do Maranhão. Licenciada em Letras, especialista em Linguística e Literatura Brasileira. Mestre em Língua, Literatura e Cultura Pela Universidade Nova de Lisboa. Membro do IEMO-Instituto de Estudos Modernistas e faz doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa.

[HAGAMENON DE JESUS CARVALHO SOUZA] poeta e ensaísta, nascido em São Luís. Autor do livro *The Problem e/ou os poemas da*

transição, publicado em 2002. Atual vencedor do *Prêmio Josué Montello de Análise de Romance*, edição 2007, com o ensaio *Maria Olívia e Natalino: Arquétipos dos Séculos XIX e XX, em Noite sobre Alcântara*. Apesar de pouco publicar, dedicado à literatura e seu estudo, Hagamenon de Jesus é um poeta influente em seus círculos e circuitos de poesia.

[ÍRIS MENDES] poeta, advogada, professora especialista em língua portuguesa, natural de Caxias (MA). 1º lugar no concurso de poesia do XVI ENEL (XVI Encontro Nacional de Letras), com o poema “Via Crucis”. Obra publicada: *Sociedade das Letras: Prosa, Poesia & Cia* (2001) - trabalho realizado em coautoria com Elizeu Arruda.

[ISAAC SOUZA] De família e formação maranhense, nascido em Goiânia - GO em 1984. Radicado em Caxias - MA desde 2004, formou-se em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA e fez Mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Foi premiado com o 1º lugar nas categorias Melhor Poesia e Melhor Interpretação no I Festival Caxiense de Poesia (2008), tendo publicado quatro livros, entre os quais *Cartografias Invisíveis* e *Cidade de Cristal*. Líder da Banda CasinoQuebec, na qual é guitarrista e vocalista, é um dos iniciadores do coletivo literário Academia Fantaxma e do coletivo de bandas de rock Sociedade do Rock.

[JORGE BASTIANI] poeta, cronista, músico, compositor, jornalista, ativista cultural e autor de peças de teatro e biografias, nascido em Buriti Bravo-MA. Publicou os livros de poemas *Composições*, *Versos de amor* (parceria) e *Pulsação*.

[KISSYAN CASTRO] poeta e pesquisador, natural de Barra do Corda/MA. Autor dos livros *Vau do Jaboque* (2005), *Bodas de Pedra* (2013), *Maranhão Sobrinho - Poesia Esparsa* (2015), *Rio Conjugal* (2016) e *O Estreito do Éden* (2017). Tem poemas publicados em vários sites e revistas, entre as quais *Germina* e *Portal de Poesia Ibero-Americana*, de Antonio Miranda.

[NEURIVAN SOUSA]: poeta e professor, natural de Magalhães de Almeida/MA e radicado em Santa Rita/MA desde 1998. É membro fundador da Associação Maranhense de Escritores Independentes - AMEI. Autor dos livros de poemas *Polifonia do silêncio* (Scortecci, 2012), *Lume* (Penalux, 2015) e *Palavras sonâmbulas* (Penalux, 2016). Publicou os infantojuvenis *O pequeno poeta* (2015) e *O pequeno poeta em segredos no jardim* (2016), ambos com publicação pela Fábrica dos Livros.

[SALGADO MARANHÃO] poeta, compositor, jornalista e consultor cultural, natural de Caxias/MA. Mais de uma dezena de livros publicados, tem a obra vertida para vários idiomas. Reconhecido mundialmente, recebeu muitos

prêmios, entre eles: o Jabuti, em 1999 e em 2016, com os livros *Mural de Ventos e Ópera de Nãos*; Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, em 2011, pelo livro *A cor da palavra*; Pen Clube de Poesia, em 2014, por *O mapa da tribo*.

[SAMARA VOLPONY] nascida à beira do rio Mearim, Arari/MA. Publicou o livro de poemas *Contramaré* (Patuá, 2017). É coautora de *Poesia Arariense: coletânea poética em rede*. Vencedora do 4º Concurso Internacional Poesia Urbana (Centro Universitário de Brusque - UNIFEB) e 2ª colocada no II Concurso Internacional de Poesia da Casa de Espanha. Tem poemas publicados na Revista de Literatura e Arte - Walking In Briarcliff, no livro da Tribo/2017-2018, nas edições 11 e 12 do Jornal de Poesia Contemporânea - O Casulo, na Revista de Poesia e Arte Contemporânea - Mallarmagens e no Verano Literario Feminista do portal La Critica (México).

[SEBASTIÃO RIBEIRO] poeta e professor, natural de São Luís - MA, graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão. Componente da obra *Acorde* (Scortecci, 2011), com Igor-Pablo e Wesley Costa; pode ser lido em Macondo n. 6 (2012); Samizdat n. 39, e Substância n. 3 (2014), 7faces n. 11 (2015), Philos n. 2 (2016), Jornal RelevO n.7 e Desenredos n. 26 (2017) e nas edições de 2010 e 2017 da antologia do *Concorso Internazionale Castello di Duino*. Autor dos livros de poemas & (Scortecci, 2015) e *Glitch* (Scortecci, 2017).

[VIRIATO GASPAR] poeta, jornalista, nascido em São Luís (MA). Radicado em Brasília desde agosto de 1978. Funcionário de carreira do Superior Tribunal de Justiça. Participação em antologias poéticas nacionais. Vencedor de muitos prêmios literários, possui uma importante bibliografia. É o autor de *Manhã Portátil*, Gráfica SIOGE, São Luís-MA (1984); *Onipresença* (versão incompleta), Gráfica SIOGE, São Luís-MA (1986); *A Lâmina do Grito*, Gráfica SIOGE, São Luís-MA (1988), e *Sáfara Safra*, São Luís-MA (1996) entre vários outros títulos inéditos.

QUIBANO 2017

www.appaloosabooks.com